

"Um grande leito de amor".

Ou: de como Jorge Amado entendia a mestiçagem.

TIZIANA TONON

(Università di Genova)

A presente comunicação, partindo da análise do romance *Tenda dos Milagres*, procurará refletir sobre a maneira como a obra literária de Jorge Amado se insere no debate acerca dos temas da mestiçagem e do sincretismo no Brasil, afirmando que o País achou uma solução original contra o racismo, baseada no que o autor definia "o humanismo brasileiro": o cruzamento de sangue, de cultura, de religiões.

O elogio da mestiçagem e do sincretismo religioso e cultural constitui um dos núcleos temáticos que principalmente caracterizam o discurso literário de Amado, autor cujas obras são traduzidas em 48 idiomas e que, por isso mesmo, é responsável por uma certa representação do Brasil e da identidade brasileira pelo mundo afora.

É evidente, na obra amadiana, a importância que ele atribuía à cultura popular que, no caso específico do Estado da Bahia (painel de fundo de muitos romances do autor, que acaba por se tornar símbolo da brasilidade), resulta especialmente poderosa por causa da mistura do sangue, por ser fruto da convivência multiétnica e da mestiçagem. A cultura popular baiana representada por Jorge Amado é "mestiça e sincrética", fruto da união de tradições que, vindas da Europa e da África, na Bahia foram juntando-se para aqui "abrasileirar-se", adquirindo assim a capacidade de conquistar através de todos os sentidos: nas obras de Amado cheiros, sabores, cores e ritmos envolvem o leitor e resultam especialmente poderosos justamente por ser resultados do cruzamento e da mistura.

"É mestiça a face do povo brasileiro e é mestiça sua cultura" (Amado, 2006: 132). A frase inicial de *A vida popular na Bahia*, o primeiro livro de Pedro Archanjo, é também a sua palavra de ordem, a sua verdade. Dele como do seu autor, Jorge Amado. Porque Pedro Archanjo, além de ser um ótimo etnólogo, é também e principalmente o herói protagonista do romance *Tenda dos Milagres*, escrito em 1969 pelo romancista baiano, que para este seu "filho" tinha uma predileção especial.

Ao ler os romances de Jorge Amado o que principalmente me admirou e despertou a minha curiosidade foi, para além da maravilhosa vitalidade dos personagens, a visão otimista acerca da miscigenação, biológica e cultural, que o autor sempre insere nas narrativas. Portanto, num colóquio sobre as literaturas mestiças, não poderia ser outro, para mim, o assunto a tratar.

Embora sejam muitos os romancistas brasileiros que em suas obras dedicaram um papel central ao fenômeno da mestiçagem e dos sincretismos religiosos¹, é inegável o fato que a literatura de Jorge Amado contribuiu especialmente para a formação duma visão peculiar

¹ Euclides da Cunha, *Os sertões* (1902); Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas* (1956); Antonio Callado, *Quarup* (1967); Darci Ribeiro, *Maira* (1976), entre outros.

do Brasil e dos brasileiros, tanto no País como pelo mundo afora. Jorge Amado é, com certeza, "alguém que ajuda a plasmar a própria face de seu povo" (De Franceschi: 8); é hoje opinião comum que os livros deste autor, traduzidos e apreciados em mais de 40 países, oferecem a inúmeros leitores no mundo uma representação da "baianidade" -e portanto, como veremos, da mestiçagem- elevada a símbolo da nacionalidade brasileira.

Em entrevista para os *Cadernos de Literatura Brasileira*, Jorge Amado assim respondeu à pergunta acerca dos aspectos que conferem singularidade ao modo de ser brasileiro: "Sem dúvida, a mestiçagem, a mistura. Nós não somos isso ou aquilo, nós somos tudo: branco negro, índio. É isto que faz a nossa singularidade e nos dá uma importância real". (De Franceschi: 55). Na sua obra é constantemente exaltada a cultura "mestiça e sincrética" da Bahia, lugar onde fica mais evidente o quanto os elementos trazidos pelos escravos africanos têm enriquecido os valores dos europeus com novos cheiros, sabores, cores e ritmos (Goldstein Seltzer: 81-85).

Para Amado, a miscigenação constitui a natural resposta brasileira aos preconceitos e ao racismo. Na união de indivíduos de cores diferentes, de diferentes culturas e religiões, ele reconhece a unicidade do Brasil, o que amiúde define como o "humanismo brasileiro", capaz de oferecer-se enquanto exemplo para os outros países aflitos pelos conflitos raciais: "Aqui tudo se misturou: todas as coisas estão misturadas nessa terra. Mais do que misturadas; fundidas uma nas outras, formando uma coisa nova, baiana, brasileira" (Amado 1970: 79).

Na formação dessa "coisa nova, brasileira", Amado reconhece um papel fundamental ao aporte da cultura negra, que define "a matriz primordial de nosso humanismo, fonte de nossa inspiração" (Amado 1997: 24). Não faltam portanto, nas obras do autor, as referências aos elementos de origem africana: a comida baiana e o jogo da capoeira, os afoxés e os blocos afro do carnaval, a epopeia dos quilombos e a resistência dos escravos e, sobretudo, o candomblé. Como se sabe, os africanos trazidos para o Brasil na condição de

escravos criaram na nova terra grupos organizados, nos quais procuraram conservar alguns aspectos da sua cultura originária e, entre eles, os cultos religiosos. O culto dos deuses africanos -orixás-, recriado inicialmente na Bahia e aqui conhecido como candomblé, é atualmente prestado, mais ou menos fielmente às tradições praticadas na Bahia, no País inteiro (Verger: 96).

Os cultos sincréticos do candomblé representam uma presença sempre mais consistente na obra amadiana ao longo dos anos: a partir de *Jubiabá* (1935), cujo título curiosamente não menciona o nome do protagonista mas antes o do pai-de-santo que é seu guia espiritual, para chegar a *O Sumiço da santa* (1988) que, tendo base no sincretismo entre catolicismo e candomblé, conta as peripécias pela cidade da Bahia duma estátua de Santa Barbara transformada no orixá Oyá-Yansã. Nas suas obras, o autor cita exaustivamente os orixás do [candomblé](#) e descreve com grande detalhe os terreiros (centros de culto), assim como rituais, danças e cânticos que fazem parte desta religião, compondo cenas de grande riqueza, ao ponto de levar -curiosamente- alguns estudiosos a considerar os seus romances como fonte etnográfica (Goldstein Seltzer: 220).

Analisando também a vida de Jorge Amado, resulta evidente o quanto o candomblé fosse uma presença constante e não somente um pretexto literário. Ele tinha um conhecimento vivido desta religião, que considerava: "uma forma, e das mais positivas, de resistir à escravatura, de manter os elementos de sua cultura. [Os negros baianos e seus descendentes] trouxeram, assim, através o tempo até os dias de hoje, os bens da dança e do canto, os rituais formosos, o mistério e a poesia" (Amado: 1970: 63). Além de ter laços de amizade com muitos dos principais estudiosos da matéria como Edison Carneiro, Vivaldo da Costa Lima e Pierre Verger entre outros, Amado era também íntimo dos terreiros, amigo das figuras mais importantes do candomblé baiano: Olga do *Alaketu*, Mãe Menininha do *Gantois*, Mãe Senhora e Mãe Stela do *Axé Opô Afonjá*. E, apesar de se declarar materialista e agnóstico, o autor ocupou cargos de prestígio na hierarquia da

religião: recebera ainda muito jovem o título de *ogã* (dignitário laico) no terreiro de Joãozinho da Goméia e no do pai-de-santo Procópio, além de ter ocupado desde o ano 1959 o importante cargo de *Otum Obá Arolu* no terreiro *Ilé Axé Opô Afonjá*, honra da qual muito se orgulhava. O de *obá*, ou seja de Ministro de Xangô, é um dos mais altos títulos na hierarquia civil do candomblé, atribuído a pessoas importantes que contribuem de maneira muito significativa para ajudar o terreiro ou a religião. O contributo de Jorge Amado foi realmente valioso: eleito deputado federal, em 1946 propôs na Assembléia Constituinte uma emenda (aprovada) para a liberdade de culto religioso (De Franceschi: 13).

Contudo, embora Amado sempre salientasse a importância da contribuição das tradições de origem africana, o que predomina, na visão do autor, é a fusão, a criação de algo de novo e original: as tradições africanas foram juntando-se àquelas vindas da Europa e às autóctonas, para “abrasileirar-se” na união (Amado, 1970: 63-64). Como justamente diz Ilana Seltzer Goldstein, na opinião de Amado a África representa a matriz da cultura brasileira, mas "apenas o umbigo, não nosso corpo inteiro" (Seltzer Goldstein: 77). O que Amado pretendia ressaltar é a origem brasileira original da cultura, da raça e da religião como produto de [re]invenções -de adaptações e de síntese- dos vários sistemas (Teixeira: 133).

Para exemplificar essa atitude do autor baiano, podemos lembrar o movimento que surgiu no princípio dos anos Oitenta, volto a rejeitar o sincretismo e procurando afirmar o estatuto do candomblé enquanto religião completa e independente do catolicismo e das manifestações folclóricas. Esse movimento levou consigo uma tentativa de reconstituir, no Brasil, uma suposta pureza africana do candomblé. Naquela altura, Amado polemizou asperamente com o amigo Pierre Verger, que participou ativamente a essa tentativa de reafricanização do culto, enquanto Amado continuou defendendo o caráter de síntese que, na sua opinião, é próprio da cultura brasileira, inclusive no que diz respeito à religião. Amado achava absurdo esperar que o candomblé do Brasil (tal como todas as

manifestações da cultura popular) se processasse "igualzinho ao da África, sem tirar nem pôr: muito se tirou, muito se pôs" (Amado, 1992: 404).

Entre todos os romances e novelas de Amado, *Tenda dos Milagres* é, nas palavras do próprio autor, aquele em que "as coisas estão ditas de uma forma mais explícita" (De Franceschi: 50). Esse romance defende e exalta a mestiçagem entre as raças bem como a miscigenação entre as culturas enquanto elementos do mesmo processo de criação da "democracia racial brasileira". Trata-se de um argumento complexo e muito estudado, por enquanto só será necessário se deter sobre as opiniões do autor baiano, que essencialmente propõe o cruzamento e a mistura de culturas, de credos, de sangue enquanto principais armas com que o povo brasileiro enfrenta o racismo.

Pedro Archanjo, o protagonista de *Tenda dos Milagres*, é -programaticamente- um mulato. Representa portanto, na opinião de Jorge Amado, o protótipo do brasileiro que é ao mesmo tempo branco, negro e índio: a incarnação do tipo humano que constitui "naturalmente" a negação do racismo (Serra, 313).

Repetidas vezes Amado e sua mulher Zélia Gattai reconheceram que Archanjo possui numerosas semelhanças com o seu autor, até ao ponto de um repetir as palavras do outro, como as famosas: "meu materialismo não me limita" (Amado 2006: 271), frase pronunciada por Mestre Pedro num trecho do romance e "citada" por Jorge Amado em muitas entrevistas que o escritor concedeu ao longo da carreira (Goldstein Seltzer: 190). Vamos escutar o diálogo entre Pedro Archanjo e o professor marxista Fraga Neto, quando o personagem procura explicar a contradição (dele bem como do seu autor) dum materialista dialético que curte candomblé:

- Pois, meu bom- disse o professor (...) -há uma coisa que me escapa e me deixa curioso. (...) Pergunto como é possível que você acredite em candomblé. (...) Porque você acredita, não é? Se não acreditasse, não se prestaria a tudo aquilo: cantar, dançar, fazer aqueles trejeitos todos, dar a mão a beijar, tudo muito bonito, sim, senhor (...)

mas, vamos convir, mestre Pedro, tudo muito primitivo, superstição, barbarismo, fetichismo (...) Como é possível?

Pedro Archanjo ficou um tempo em silêncio (...) aquele bisbilhoteiro queria a chave da adivinha mais difícil, do cabuloso enigma:

- Pedro Archanjo Ojuobá, o leitor de livros e o bom de prosa, o que conversa e discute com o professor Fraga Neto e o que beija a mão de Pulquéria, a iyalexá, dois seres diferentes, quem sabe o branco e o negro? Não se engane, professor, um só. Mistura dos dois, um mulato só. (...) Para mim, professor, só existe a matéria. Ma nem por isso deixo de ir ao terreiro e de exercer as funções do meu posto de Ojuobá, cumprir o meu compromisso. (...)

- Assim, mestre Pedro, você não ajuda a modificar a sociedade, não transforma o mundo.

- Será que não? Eu penso que os orixás são um bem do povo. A luta da capoeira, o samba-de-roda, os afoxés, os atabaques, os berimbaus são bens do povo. (...) Meu materialismo não me limita" (Amado, 2006: 268-271)

Além de ser mulato, um branconegro que tem dois dentro de si, Pedro Archanjo é um homem do povo, gozador da vida, amante das mulheres assim como duma boa conversa e, como acabámos de ouvir, faz parte do mundo dos candomblés, onde recobre o cargo de *Ojuobá*, que significa "os olhos de Xangô". Acho interessante sublinhar como esse cargo, na verdade, fosse dado pela Mãe-de-santo Senhora ao fotógrafo e etnólogo francês Pierre Verger, naturalizado baiano e grande amigo de Jorge Amado, que reconhecia nele um mensageiro, uma ponte entre a Europa, a África e o Brasil. E, justamente como Verger, também Pedro Archanjo atua enquanto mensageiro entre as duas "Universidades" que têm sede no Pelourinho: a Universidade popular (cuja Reitoria fica na Tenda dos Milagres, do Mestre Lídio Corró amigo-irmão de Pedro Archanjo e "riscador de milagres") e a Faculdade de Medicina, onde Archanjo trabalha como bedel.

Nas palavras de Jorge Amado, o protagonista de *Tenda dos Milagres* "é a soma de muita gente misturada: o escritor Manuel Querino, o *babalaô* Martiniano Eliseu do Bonfim, Miguel Santana *Obá Aré*, o poeta Artur Sales, o compositor Dorival Caymmi e o *alufá* Licutã (da revolta dos Malês) - e eu próprio, é claro" (Amado 1992: 139).

Entre todas essas figuras, o modelo principal sobre o qual o autor constrói o personagem do bedel-etnólogo é aquela de Manuel Raimundo Querino, "artesão, abolicionista, jornalista, político, educador, professor de desenho e pesquisador, fundador da historiografia da arte baiana e o primeiro intelectual afro-brasileiro a destacar a contribuição do africano e seus descendentes à civilização brasileira" (Gledhill: <http://mrquerino.blogspot.com>). Querino é também o autor duma das epígrafes do romance de Amado: "O Brasil possui duas grandezas reais: a uberdade do solo e o talento do mestiço" (Amado 2006: VIII).

Na mesma Faculdade de Medicina onde Mestre Pedro trabalha, ensina o professor Nilo Argolo, o verdadeiro antagonista de Archanjo, representante das ideologias racistas da época, que sonha um mundo depurado de todas as "raças inferiores", principalmente os mestiços. E, se é verdade que Pedro Archanjo possui várias semelhanças com Manuel Querino, podemos afirmar que Nilo Argolo representa de forma sintética o médico legista e antropólogo Raimundo Nina Rodrigues e seus discípulos, cujos estudos foram infelizmente influenciados pelas noções de darwinismo social em voga na época, tais como a da inferioridade dos pretos respeito aos brancos e, sobretudo, pelo conceito de mestiçagem enquanto degeneração das espécies: o entrecruzamento das raças e culturas, por seu caráter de "impureza", teria gerado indivíduos doentios, apáticos, sexualmente perversos e imprevidentes, uma sub-raça destinada ao crime². Limites reconhecidos e apontados também pelo discípulo Arthur Ramos, no prefácio à obra póstuma do professor Nina Rodrigues *As colectividades anormaes*, que inclui um estudo sobre "Os mestiços brasileiros":

"uma unica ressalva podemos fazer aqui, ao trabalho do mestre bahiano. É quando faz intervir o *slogan* da epoca: a *degenerescencia* da mestiçagem como causa precipua dos desajustamentos sociaes. (...) Essas idéas são inaceitaveis para os nossos dias. (...) É curioso observar como Nina Rodrigues, preso embora ás concepções de sua epoca, da

² O pensamento corre, justamente, ao "herói sem nenhum caráter" apresentado pelo escritor Modernista Mário de Andrade no romance *Macunaíma*.

escola franceza da degenerescencia e das theorias italianas sobre o atavismo no crime e na loucura, reagia, ás vezes, com certa violencia, contra estas concepções demasiado estreitas³". (Arthur Ramos, *apud* Nina Rodrigues: 12-13)

Contra esses preconceitos luta Pedro Archanjo, que estuda "com ordem, método, vontade e obstinação" (Amado 2006: 181) as obras dos teóricos raciais da época como Gobineau e Lombroso, sem porém deixar de viver e pesquisar a vida quotidiana do povo e da cidade. E consegue assim publicar livros em que preconiza um Brasil completamente mestiço (possibilidade que aterrorizava o professor Argolo): "Formar-se-á uma cultura mestiça de tal maneira poderosa e inerente a cada brasileiro que será a própria consciência nacional" (Amado 2006: 218) e chega até à demonstração de que todos na Bahia, inclusive o ilustre professor racista, têm sangue misturado.

São inumeráveis os trechos das obras e das entrevistas em que Amado fala do valor que ele atribuía à miscigenação das raças e das culturas: a convivência das várias etnias representa para ele o principal fator de enriquecimento e força da arte, da literatura, da culinária, afinal da cultura baiana, que é fundamentalmente popular e mestiça e, por isso mesmo, tão intensamente poderosa e atuante.

O que, pelo menos a meu ver, fascina na obra de Jorge Amado é a solução que propõe para o problema das relações interétnicas: a mais simples e natural, o sexo. "Para o mestre baiano, as contradições religiosas se resolvem na carne. Assim como os conflitos étnicos" (Serra: 329). Muitas vezes Amado fala da riqueza que para ele constitui a própria base da nacionalidade: a raça índia, a africana e a européia se juntaram naquele "imenso leito de amor em que se transformaram as terras do Brasil, criando-se assim, na mistura de raças e de sangues, a raça brasileira e nossa cultura nacional, resultante da luta contra os preconceitos, sobretudo o preconceito de raça e cor" (Amado 1997: 20).

³ Cabe ressaltar que Nina Rodrigues foi também quem inciou o trabalho de pesquisa sobre as religiões afro-brasileiras, visitando os terreiros e entrevistando os adeptos. Era mesmo *ogã* no terreiro *Ilé Axé Opô Afonjá* e sempre combateu a repressão ao candomblé.

É bem verdade que assim Amado se expôs a inúmeras críticas, sobretudo no que diz respeito à sua descrição das sensuais mulheres mulatas, cuja caracterização -na opinião de alguns autores⁴- concede muito ao exotismo e à superficialidade, chegando até a ser ultrajante, um estereótipo degradante (Seltzer Goldstein: 197). Mas, como justamente aponta Ordep J Trindade-Serra, nessas críticas há simplesmente muito preconceito e muita febre de acusação (Serra: 340-347).

Essa solução natural e divertida do "grande leito de amor" que Amado propõe e que, aliás, nos proporcionou muitas cenas de amor dum lirismo e duma espontaneidade inesquecíveis, foi absorvida das obras de Gilberto Freyre⁵, nas quais o romancista evidentemente achou vários elementos típicos do seu mundo literário: "uma teoria que celebra o triunfo do corpo e da massa, com qualquer coisa de subversão carnavalesca. Até o caráter simplista de um modo de pensar que pressupõe a resolução de problemas sociais por via genital deve ter encantado o escritor baiano, fascinado pela sensualidade e inimigo das complicações teóricas" (Serra: 337).

Como explica o antropólogo Roberto Damatta (1997), a mestiçagem na obra de Amado se realiza também na exaltação do mundo carnalizado que celebra o riso, o grotesco, o marginal e o baixo-corporal, o Carnaval enquanto escolha de não escolher entre os dois polos duma questão, tais como o bem e o mal, o racional e o instintivo, o apolíneo e o dionisíaco. Amado propõe o *sim* o *não* e o *também* "por intermédio de triângulos ideológicos que (...) *institucionalizam o intermediário*" (Damatta: 126). Está aqui mesmo a resposta aos críticos escandalizados pelo olhar "lascivo" e pelas descrições "imorais" que Amado destina às suas mulatas: o sexo, enquanto momento de encontro vital e fecundo, representa o cume da riqueza e da positividade que Amado vê na miscigenação, na ambigüidade e na mistura. Portanto, não é possível ver nada de ofensivo nem de ruim em

⁴ Entre outros: Teófilo de Queiroz Júnior (1975) e Osmundo S. de Araujo Pinho (1998).

⁵ A solução de Amado parece nascer juntando as idéias sobre a miscigenação introduzidas por Gilberto Freyre em *Casa-grande & Senzala* e a imagem do "homem cordial" de Sergio Buarque de Holanda.

mulheres que despertam o desejo do homem e que com ele aproveitam dos prazeres do amor⁶... ainda mais se nessa união é possível ver um instrumento para exorcizar o racismo. Para concluir, acho melhor deixar novamente a palavra ao Mestre Pedro Archanjo: “A divisão de branco e negro, meu bom, se acaba na mistura, em nossa mão já se acabou, compadre. A divisão agora é outra e quem vier atrás feche as cancelas” (Amado 2006: 295).

⁶ Por sinal, na obra do autor bahiano, esta atitude não é própria somente das mulatas e sim de todas as mulheres saudáveis, sendo que (cito por exemplo Adalgisa, em *O Sumiço da Santa*) a falta de desejo aparece como indício dum problema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Jorge (1970¹⁹): *Bahia de Todos os Santos*. São Paulo: Martins.
- AMADO, Jorge (1992): *Navegação de cabotagem: Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. Rio de Janeiro: Record.
- AMADO, Jorge (1997³²): *O Capeta Carybé*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia Editores.
- AMADO, Jorge (1999³): *O Sumiço da Santa: uma história de feitiçaria*. Rio de Janeiro: Record.
- AMADO, Jorge (2000⁵⁷): *Jubiabá*. Rio de Janeiro: Record.
- AMADO, Jorge (2006⁴⁵): *Tenda dos milagres*. Rio de Janeiro: Record.
- CAROSO, C. / BACELAR, J. (eds.) (1999): *Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, antisincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida*. Rio de Janeiro: Pallas.
- CONSORTE, Josildeth Gomes (1999), "Em torno de um manifesto de ialorixás baianas contra o sincretismo", Em: Caroso, C. / Bacelar, J.(eds.) (1999): *Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, antisincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida*. Rio de Janeiro: Pallas, pp. 71-91.
- DAMATTA, Roberto (1997): "Do país do carnaval à carnavalização: o escritor e seus dois brasis". Em: *Cadernos de Literatura Brasileira n° 3: Jorge Amado*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, pp. 120-135.
- DE FRANCESCHI, Antônio Fernando (ed.) (1997): *Cadernos de Literatura Brasileira n° 3: Jorge Amado*. São Paulo: Instituto Moreira Salles.
- FREITAS ROSSI, Luiz Gustavo (2004), "As cores e os gêneros da revolução". Em: *Cadernos Pagu*, vol. 23, julho-dezembro 2004, pp. 149-197.
- FREYRE, Gilberto (1958⁹), *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- GATTAI, Zélia (2001⁷): *A casa do Rio Vermelho*. Rio de Janeiro: Record.
- GLEDHILL, Sabrina (2007): <<http://mrquerino.blogspot.com>> (acessado em 20/04/2007).
- GOLDSTEIN SELTZER, Ilana (2003): *O Brasil best seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional*. São Paulo: Editora Senac.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de (1995²⁶): *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia. das Letras.
- NINA RODRIGUES, Raimundo (1939): *As colectividades anormaes*. (Prefacio e Notas de Arthur RAMOS). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- PINHO, Osmundo S. de Araujo (1998): "A Bahia no Fundamental: Notas para uma Interpretação Do Discurso Ideológico Da Baianidade". Em: *Rev. bras. Ci. Soc.* [online].

1998, vol.13, n.36. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000100007&lng=en&nrm=iso> (acessado em: 07/09/2007).

QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo de (1975): *Preconceito de cor e mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Ática.

SANTOS, Deoscoredes M. dos (2003): *Contos negros da Bahia e Contos de Nagô*. Salvador: Corrupio.

SERRA, Ordep (1995): *Águas do Rei*. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes –Koinonia.

TEIXEIRA, Maria Lina Leão (1999), "Candomblé e a (re)invenção de tradições", Em: Caroso, C. / Bacelar, J.(eds.) (1999): *Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, antisincretismo, reafrikanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida*. Rio de Janeiro: Pallas, pp. 131-140.

VERGER, Pierre Fatumbi (1992): *Artigos. Tomo I*. São Paulo: Corrupio.